

# Tópicos setoriais

## A cadeia coureiro-calçadista brasileira e gaúcha em 2010: recuperação em andamento\*

Silvia Horst Campos\*\*

Economista da FEE e Professora da FACE-PUCRS

Os efeitos adversos da crise financeira mundial que se fizeram sentir com mais intensidade no final de 2008 e que se prolongaram por todo o ano de 2009, restringindo o desempenho do setor industrial brasileiro, foram sendo paulatinamente compensados ao longo de 2010. A retomada dos investimentos e o aquecimento da demanda interna, estimulada pela expansão do crédito, pela ampliação dos programas sociais de transferência de renda do Governo e pela expansão do emprego e pela melhora dos salários, despontam como fatores que vêm amparando os bons resultados acumulados pela indústria em 2010. Também deve ser observada a influência positiva de um importante efeito estatístico decorrente da baixa base de comparação referente ao ano de 2009.

A trajetória mensal desse setor ao longo do ano de 2010, contudo, vem mostrando uma relativa desaceleração no ritmo de crescimento da atividade industrial, especialmente a partir do segundo trimestre. A retirada, total ou parcial, de incentivos tributários a partir de março, acrescida da perda de competitividade da indústria nacional nos âmbitos interno e externo, provocada pela valorização do real frente ao dólar presente em boa parte do ano, e da influência de um cenário externo menos favorável são fatores que vêm contribuindo para esse desempenho.

É evidente que, nesse contexto, os setores mais direcionados para o mercado externo, ou que produzem bens que concorrem internamente com produtos importados mais baratos, mesmo que com qualidade inferior, são mais afetados. Alguns segmentos que compõem a cadeia coureiro-calçadista são particularmente atingidos por essa situação, conforme será observado ao longo deste artigo, que tem por objetivo principal analisar o desempenho recente e as perspectivas para 2011 dessa cadeia, com ênfase nos segmentos

produtores de couro, calçados e componentes. O artigo está estruturado em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Inicialmente, será examinada a evolução da produção, do emprego e do mercado interno nos diversos segmentos da cadeia coureiro-calçadista, evidenciando as diferenças regionais. Na segunda parte, serão analisados o comportamento das exportações e importações brasileiras dos referidos segmentos no período pós-crise financeira internacional e o desempenho das exportações de calçados e suas partes, o segmento mais importante da cadeia, numa perspectiva regional.

### Produção, emprego e mercado interno

A cadeia produtiva coureiro-calçadista compõe-se de cinco segmentos principais: fabricação de calçados (de couro, sintéticos e têxtil); fabricantes especializados no curtimento e acabamento do couro; fabricação de artefatos de couro e artigos de viagem; produção de máquinas e de componentes para couros e calçados. Possui um PIB setorial de R\$ 50 bilhões e um mercado interno que movimenta R\$ 35 bilhões em vendas de calçados, couros, artefatos (bolsas, mochilas, malas, etc.) e componentes (Abicalçados, 2009). A cadeia produtiva coureiro-calçadista sempre teve relevância para a economia brasileira, com importante geração de emprego e renda nos diferentes polos produtivos espalhados pelo País.

O Brasil é um dos maiores produtores (terceira posição) e exportadores (quarta posição) mundiais de couro. Segundo informa Paulo Griebler, Diretor Executivo da Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (AICSul), o País possui o maior rebanho comercial do mundo, com um número próximo de 200 milhões de cabeças de gado de corte, uma produção de 42,8 milhões de couros e um faturamento de R\$ 4 bilhões ao ano (Oferta..., 2009). Conforme informações da RAIS, existem,

\* Revisora de Língua Portuguesa: Maria Inácia Flor Reinaldo.  
Artigo recebido em 20 dez. 2010.

\*\* E-mail: campos@fee.tche.br

no Brasil, quase 800 empresas atuando na elaboração de couros e peles bovinas, empregando mais de 37.000 trabalhadores diretos (Tabela 1).

Desde o início dos anos 2000, o setor vem investindo em modernização do parque industrial e em desenvolvimento de processo e produto, tornando-se um dos parques mais bem-equipados tecnologicamente em termos internacionais na atualidade (Oferta..., 2009). Moderna e competitiva, a indústria brasileira de couro também tem investido na produção sustentável, atendendo a vários quesitos no aspecto ambiental. A agregação de valor acontece na fase de acabamento do couro, depois de ultrapassar os estágios *wet blue* e *crust*<sup>1</sup>, e tem como produto final o couro acabado, que possui aplicação direta nas indústrias de calçados, vestuário, moveleira e automotiva. No Rio Grande do Sul, as empresas contam, inclusive, com a Indicação de Procedência (IP) Vale do Sinos, uma importante ferramenta que transmite a agregação de valor de seus produtos.<sup>2</sup>

Em 2008, o mercado interno absorveu 45% da produção de couros, um consumo limitado em razão do clima tropical e do poder de compra da população, o que torna o País um exportador natural desse produto. No mercado doméstico, o principal destino é o setor moveleiro (42%), seguido do calçadista (31%) e do automotivo (18%). A tendência é de aumento da participação dos setores de estofamento e automotivo, onde se praticam preços mais elevados (A indústria..., 2008).

No que se refere à indústria de calçados, por sua vez, constata-se que o Brasil sobressai como produtor (terceira posição) e consumidor (quinta posição), estando também bem posicionado no *ranking* dos países exportadores, onde vem, contudo, perdendo posições nos últimos anos. Segundo a Abicalçados (Oportunidade..., 2009), o mercado interno absorve cerca de 80% da produção nacional projetada em 810 milhões de pares para 2010, “[...] que se desenvolve em diversos polos produtores regionais, com diferentes condições econômicas, históricas e culturais” (Campos, 2009, p. 24). O consumo *per capita* de 3,5 pares/ano, ainda se

encontra muito aquém dos seis pares/ano em média dos países desenvolvidos.

Nos anos 2000, a produção brasileira de calçados atingiu seu ponto máximo em 2004, a partir de quando começou a declinar em decorrência do acirramento da concorrência internacional, dominada pela indústria calçadista chinesa, e da política econômica de valorização do real. A perda de mercados originalmente ocupados pela indústria brasileira requereu a adoção de três tipos de estratégias pelas empresas exportadoras: prospectar novos mercados, redirecionar as vendas para o mercado interno e/ou investir em marcas próprias, em novos canais de comercialização e em estilo e *design*, fabricando um produto diferenciado e com maior valor agregado.

O direcionamento para o mercado interno foi favorecido pela recomposição da massa salarial e pelo aumento dos níveis de emprego que marcaram presença especialmente a partir de 2005 e que aumentaram o poder aquisitivo de uma parcela importante da população brasileira. Por sua vez, os investimentos na diferenciação do produto e na agregação de valor posicionaram o calçado brasileiro em um segmento de mercado de preço mais elevado, acompanhado da redução no tamanho dos lotes produzidos. A implementação dessa estratégia contribuiu para a diminuição no número de empregos e de empresas no setor nos últimos anos.

No Brasil, a produção de calçados está localizada em várias regiões, algumas mais tradicionais, como o Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, e Franca, em São Paulo. Outras se situam na Região Nordeste, para onde se deslocou um número expressivo de empresas das Regiões Sul e Sudeste em busca do rebaixamento do custo de produção.

A *performance* da indústria reflete a existência de dois padrões distintos de organização das atividades produtivas. De um lado, tem-se uma forma mais tradicional de produzir, organizada em redes locais de produção, com predominância de pequenas e médias empresas especializadas na fabricação de calçados de couro. Destacam-se, nesse tipo de aglomeração produtiva, regiões dos Estados de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. A ênfase na agregação de valor ao produto final, através de investimentos em novas tecnologias, em estilo e *design* e em produtos de moda, criou um produto diferenciado, de preço médio mais elevado e mais direcionado para nichos de mercado. De outro lado, tem-se uma forma de organização mais recente, localizada na Região Nordeste do País (principalmente no Ceará, na Paraíba e na Bahia), que foi construída por empresas de maior porte, atraídas pelo menor custo da mão de obra, pelos incentivos fiscais

<sup>1</sup> O couro *wet blue* representa a segunda etapa do curtimento, logo após o salgamento, quando a peça recebe o banho de cromo que lhe confere um tom azulado e molhado. Já o *crust* é o couro semiacabado, que usa o *wet blue* como matéria-prima (Campos, 2009).

<sup>2</sup> Além de poder ser utilizada pelos curtumes que produzem couro acabado na região de abrangência delimitada pela Associação das Indústrias de Couro do Rio Grande do Sul (44 municípios), a IP Vale do Sinos também pode ser aproveitada pelos fabricantes de calçados, artefatos, vestuário, estofados e outros produtos que utilizam esse couro (AICSul, 2010).

concedidos pelos Governos Estadual e Municipal e pelas economias de escala. O calçado aí produzido, predominantemente sintético (de plástico e de borracha) e de menor preço, é competitivo no segmento de mercado internacional de baixo custo (Guidolin; Costa; Rocha, 2010).

A evolução dos índices de produção física de base fixa de calçados e artigos de couro no Brasil e nos dois Estados mais representativos desses dois padrões de organização da produção, Rio Grande do Sul e Ceará, mostra diferenças de patamares e de comportamento ao longo do período jan./09-set./10 (Gráfico 1). Fica evidente o melhor desempenho da indústria cearense em contraposição à sua congênera gaúcha, embora ambas apresentem uma linha de tendência de produção ascendente, sinalizando a recuperação dos patamares produtivos pré-crise. Em grande parte direcionada para o mercado externo e especializada na fabricação de calçados de couro, a indústria calçadista do Rio Grande do Sul foi severamente afetada pela ampliação da concorrência dos produtos chineses e pela retração do comércio internacional decorrente da crise financeira mundial de 2008. Já a indústria do Ceará, que direciona a maior parte de sua produção para o mercado interno, relativamente aquecido pelo aumento da renda, do emprego, do crédito e dos gastos públicos, conseguiu reverter as taxas negativas com mais facilidade.

Como pode ser visualizado no Gráfico 1, o crescimento da indústria gaúcha de couros e peles foi menor e com flutuações menos intensas, concentrando-se nos meses finais do período em análise. Por sua vez, o indicador acumulado no ano mostrou uma taxa de crescimento de 9,31%, levemente mais elevada que a taxa média da indústria de transformação, que foi de 8,92%. No caso do Ceará, as taxas acumuladas foram de 14,31% e 15,08% respectivamente.

A diferença de *performance* da indústria de calçados e artigos de couro desses dois estados também pode ser visualizada na Tabela 1, que apresenta o porte médio das empresas (em número de empregados) nos principais estados produtores de couros e calçados.

Observa-se, de imediato, que a maior parte dos estabelecimentos formalmente constituídos se encontra em Minas Gerais, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, que geralmente apresentam o menor porte médio das unidades produtivas. A exceção refere-se ao segmento curtidor, pois os curtumes tendem a ser estabelecimentos de maior porte, e Rio Grande do Sul e São Paulo são estados que possuem o maior número de curtumes. Já no segmento calçadista, fica evidente que as empresas localizadas na Região Nordeste são geralmente grandes e em menor número. O destaque é para a Bahia, onde

32.366 trabalhadores formais do segmento fabricante de calçados de couro estão ocupados em 79 empresas, correspondendo à elevada média de 409,7 empregados por estabelecimento.

A Tabela 1 também permite visualizar a elevada concentração espacial da produção coureiro-calçadista no Brasil, pois os seis estados representam entre 85% e 90%, tanto em relação ao número de estabelecimentos como ao de empregos existentes em 2009. O Rio Grande do Sul é o principal estado produtor e, junto com São Paulo, responde por 75% dos estabelecimentos e por 55% do pessoal ocupado nessa indústria, no Brasil. Ressalte-se, contudo, que essa participação vem diminuindo, ao passo que a do Ceará e a da Bahia vêm aumentando, especialmente na fabricação de calçados. Quanto ao tamanho médio dos estabelecimentos, observa-se que ele é maior no estado gaúcho, pela presença forte de empresas de médio porte.

Cabe ressaltar que, no ano de 2008, os efeitos da crise financeira internacional levaram a um encolhimento expressivo de empregos, principalmente na indústria do couro, conforme observado em Campos (2009). A diminuição da demanda por couros acabados, de preço mais elevado, fez com que as empresas aumentassem a produção de couro *wet blue*, que ocupa um número menor de trabalhadores do que a de couros com maior valor agregado.

Dados disponibilizados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, para 2009 e 2010, mostram, contudo, que a maior parte das perdas já foi recuperada, mesmo nos estados nos quais elas foram expressivas. Destaca-se, nessa situação, a indústria calçadista do Rio Grande do Sul, que, embora tenha apresentado um saldo acumulado negativo em dezembro do ano passado, experimentou forte recuperação nos níveis de emprego durante 2010 (expansão de 13,4% até setembro). Esse resultado foi, em grande medida, favorecido pela instituição de uma tarifa "antidumping" de US\$ 13,85 por par de calçado importado da China, além da taxa de importação de 35%. No Ceará, onde predomina a produção de calçados de cabedal sintético, a situação foi muito mais favorável, com expansão da produção e do emprego já no ano de 2009.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Segundo o Caged, no Rio Grande do Sul, o saldo de admitidos e desligados no acumulado do ano de 2009 foi de -4.333 na indústria calçadista e de -4.048 na indústria coureira. No período jan.-set./10, esses acumulados somaram, respectivamente, 13.629 e 14.439 empregos. No Estado do Ceará, houve um saldo positivo de 12.707 empregos na indústria calçadista e de 12.460 na indústria do couro em 2009, e de, respectivamente, 4.290 e 4.467, nos primeiros nove meses de 2010.

Quanto aos demais segmentos da cadeia coureiro-calçadista, componentes e máquinas para couros e calçados, observa-se um crescimento expressivo desses segmentos, que estão, prioritariamente, voltados para o mercado interno brasileiro, mas que também tiveram bom desempenho nas vendas externas nos primeiros nove meses de 2010.

Nos últimos anos, as empresas da indústria de componentes para couros, calçados e artefatos intensificaram as ações voltadas à inovação, *design* e sustentabilidade, fato que cresce em importância quando se considera o duplo papel desempenhado por essa indústria no seu relacionamento com o segmento coureiro-calçadista: de um lado, fornece os acessórios e componentes necessários para a produção dos calçados desenvolvidos pelos *designers*; de outro, investe no desenvolvimento de produtos e processos, transferindo inovação para a indústria calçadista (Campos, 2009).

Atualmente, o setor mostra-se detentor de tecnologia necessária, inclusive, para o atendimento da demanda de insumos para a produção de tênis de alta *performance* no País, capacidade facilitada pela forte ligação com fabricantes de matérias-primas no mercado internacional e da contínua atualização com as tecnologias mundiais, comprovado no crescimento do registro de patentes nos últimos anos (Setor..., 2010). A Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal), que congrega as empresas desse setor, realiza, frequentemente, missões tecnológicas a diversos países em busca de referências em inovação, executa parcerias com universidades e institutos de tecnologia, e possui um Observatório Tecnológico e Grupo

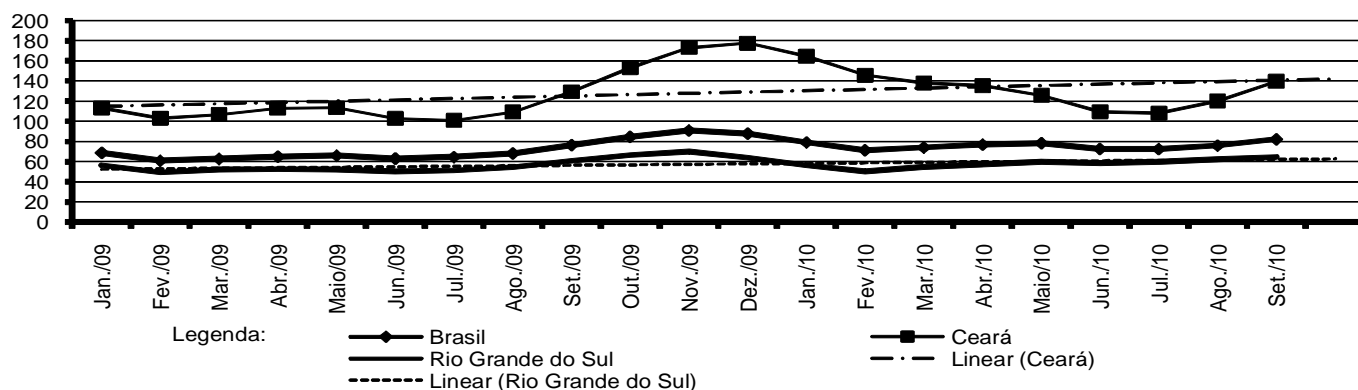
de Inovação. O objetivo é desenvolver novos conceitos de consumo baseados em moda, funcionalidade e conforto através da agregação de atributos de *design*, novas tecnologias e originalidade brasileira (Assintecal, 2009).

Existem cerca de 2.500 empresas no setor de componentes no Brasil, mais de 85% são de micro e pequeno porte, e dois terços delas estão situadas nos polos calçadistas do Rio Grande do Sul e de São Paulo e abastecem fabricantes de calçados de todo o País. A variedade de produtos produzidos é grande, e a Assintecal agrupa as empresas em quatro segmentos principais: (a) componentes estruturais dos calçados — palmilhas, solas, saltos e tacos —, complementos e componentes para cabedal, biqueiras, couraças e contrafortes; (b) componentes funcionais — produtos químicos (adesivos, ceras, tintas e vernizes) para couros e calçados; (c) componentes de suporte — escovas, formas e navalhas, ferramentaria e embalagens; (d) insumos metálicos e químicos (Lorenzon, 2007).

Com relação ao segmento produtor de máquinas e equipamentos para couro e calçados, observa-se que o mesmo vem crescendo em importância nos últimos anos, de modo que o Brasil já possui uma posição de destaque como fornecedor desses bens. O setor é formado, primordialmente, por micro e pequenas empresas, que estão localizadas principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. As máquinas são de diversos tipos, especializando-se em determinadas etapas do processo de produção, e a tecnologia incorporada às mesmas responde às necessidades dos fabricantes de couros e calçados do Brasil e de diversos países latino-americanos.

Gráfico 1

Índices da produção física de calçados e artefatos de couro no Brasil, no Ceará e no Rio Grande do Sul — jan./09-set./10



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2008/2010. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

NOTA: Médias trimestrais dos índices mensais de base fixa sem ajuste sazonal (2002 = 100).

Tabela 1

Número de estabelecimentos e de empregados formais das indústrias de couro e de calçados nos principais estados produtores do Brasil — 2009

DISCRIMINAÇÃO	CEARÁ	PARAÍBA	BAHIA	MINAS GERAIS	SÃO PAULO	RIO GRANDE DO SUL	BRASIL
<b>Número de estabelecimentos</b> .....	431	150	304	1 999	3 645	4 046	12 589
Fabricação de calçados de couro .....	158	50	79	583	2 358	2 954	6 957
Fabricação de tênis de qualquer material, calçado plástico e de outros materiais .....	144	64	44	980	458	232	2 143
Curtimento e outras preparações em couro	22	6	25	77	175	221	773
Fabricação de malas, valises e outros artefatos de couro .....	107	30	156	359	654	639	2716
<b>Número de empregados</b> .....	64 962	11 865	36 540	30 057	62 468	120 867	367 301
Fabricação de calçados de couro .....	28 781	3 138	32 366	9 213	29 307	81 783	201 398
Fabricação de tênis de qualquer material, calçado plástico e de outros materiais .....	33 095	8 042	1 167	15 325	16 710	19 905	99 467
Curtimento e outras preparações em couro	1 832	145	1 427	2 190	7 244	13 135	37 189
Fabricação de malas, valises e outros artefatos de couro .....	1 254	540	1 580	3 329	9 207	6 044	29 247
<b>Empregados/estabelecimentos</b> .....	150,7	79,1	120,2	15,0	17,1	29,9	29,2
Fabricação de calçados de couro .....	182,2	62,8	409,7	15,8	12,4	27,7	28,9
Fabricação de tênis de qualquer material, calçado plástico e de outros materiais .....	229,8	125,7	26,5	15,6	36,5	85,8	46,4
Curtimento e outras preparações em couro	83,3	24,2	57,1	28,4	41,4	59,4	48,1
Fabricação de malas, valises e outros artefatos de couro .....	11,7	18,0	10,1	9,3	14,1	9,5	10,8

FONTE: RAIS 2009.

## Inserção no mercado internacional: Brasil e estados

De um modo geral, o comportamento recente das exportações dos principais segmentos da cadeia coureiro-calçadista mostra que os piores efeitos da crise financeira internacional, que se revelou em termos globais no último trimestre de 2008, vêm sendo absorvidos em razão da demanda por produtos brasileiros que voltou a crescer. As exportações de couros e peles, de calçados, de máquinas e de componentes cresceram de modo expressivo nos primeiros nove meses de 2010, em comparação com o mesmo período de 2009, conforme pode ser visualizado na Tabela 2. Contudo uma comparação com o período pré-crise mostra que ainda há uma parcela expressiva a ser reconquistada, pois, na maior parte dos casos, não foram atingidos os níveis de 2008, os quais já haviam caído em relação ao ano de 2007.

Essa situação é particularmente relevante no segmento couros e peles, cujas vendas externas em volume caíram de 33,6 milhões em 2007 para 25,5 milhões de couros em 2008, gerando uma receita de US\$ 2,2 bilhões e US\$ 1,9 bilhão respectivamente (Oferta..., 2009). A expectativa é de recuperar o volume exportado ainda em 2010; contudo o valor deverá ficar aquém do resultado de 2008, pois o preço da unidade de couro caiu muito no mercado internacional devido à baixa demanda mundial. É importante ressaltar que a diminuição da receita de exportação acompanha a tendência internacional de encolhimento do mercado do couro<sup>4</sup>. A crise imobiliária norte-americana afetou o mercado de estofamento de móveis, e a crise das montadoras nos países desenvolvidos diminuiu a demanda de couro para fins automotivos. Como fatores internos para explicar a

<sup>4</sup> Segundo informações disponibilizadas pelo International Trade Centre (UNCTAD/WTO), o valor do comércio internacional de couros e peles caiu de US\$ 31,7 bilhões para US\$ 20,7 entre 2007 e 2009.

evolução das vendas externas de couros e peles brasileiras, tem-se a valorização do real e o “Custo Brasil”<sup>5</sup>, o qual vem sendo reiteradamente mencionado pelas entidades que representam as empresas do segmento.

Como já foi mencionado anteriormente neste artigo, o Brasil está entre os primeiros colocados no *ranking* dos países produtores e exportadores de couro, sendo que a primeira posição é ocupada pela Itália, seguida pela China, por Hong Kong e pelos Estados Unidos.

No segmento calçados, por sua vez, sobressai o comportamento menos favorável das exportações de sapatos de couro, especialmente com relação ao número de pares embarcados que, juntamente com artefatos de couro e peleteria, foram as únicas taxas negativas obtidas na comparação entre os períodos analisados.

Os dados registram os efeitos do acirramento da concorrência com os produtos chineses no segmento calçadista, da demora na recomposição da demanda mundial por esse produto, ocasionada pela crise financeira internacional, e do novo aprofundamento do processo de valorização do real, que se fez presente nos últimos meses e que acarreta o comprometimento parcial da competitividade do calçado nacional. Como aspecto positivo, destaca-se a instituição da tarifa “antidumping” de US\$ 13,85 e da elevação da taxa de importação sobre os calçados chineses, que inibem a entrada desse produto no mercado brasileiro.

A eficácia dessa restrição imposta pelo Governo brasileiro, contudo, tem sido ameaçada pela adoção de práticas consideradas ilegais, tais como a triangulação, que facilita a entrada de produtos de origem chinesa de modo indireto. Através dessa prática, que pode ocorrer por três mecanismos<sup>6</sup>, aumentou muito a entrada, no País, de calçados e partes de calçados fabricados em outros países asiáticos, como Malásia, Taiwan, Tailândia, Vietnã e Indonésia, além do Paraguai. Nos primeiros nove meses de 2010, em comparação com o mesmo período de 2009, a importação de partes de calçados cresceu 201,3% em volume e 180,0% em valor, um resultado muito além do projetado pela Assintecal no início do ano. As compras foram principalmente de partes superiores de calçados (cabedais), de solas exteriores e de saltos de borracha e/ou de plástico.

<sup>5</sup> O “Custo Brasil” é representado por taxas de juros elevadas, carga tributária pesada, atrasos na restituição dos créditos de exportação, altos juros, falta de crédito para capital de giro, burocracia excessiva e infraestrutura portuária insuficiente.

<sup>6</sup> A prática da triangulação pode ocorrer de três maneiras: (a) falsificação do certificado de origem; (b) montagem de calçados em terceiros países, com materiais provenientes da China, sem a observação de conteúdo mínimo nacional; e (c) importação direta de calçados desmontados para serem finalizados no Brasil.

Além do aumento de volume e valor importados, despertou a atenção o fato de que esses países não se situavam entre os tradicionais fornecedores do Brasil e também não constavam na lista dos grandes produtores e exportadores de calçados e suas partes até então. Essa situação começou a ser contornada com a regulamentação, no mês de agosto de 2010, da Lei da Circunvenção, de 1995, que deverá inibir essa prática adotada pelos compradores.

O cenário atual mostra a consolidação da liderança asiática, principalmente chinesa, na produção e exportação de calçados, paralelamente ao aumento de demanda por produtos com maior valor adicionado e também do consumo *per capita* em outros mercados (Oportunidade..., 2009). Essa situação deve favorecer o calçado brasileiro, visto o enorme esforço que vem sendo efetuado pelas empresas do setor no sentido de agregar valor ao produto final. O movimento na direção de segmentos de produtos de moda, cujos calçados possuem maior qualidade e preço, e nos quais se têm concentrado os investimentos em estilo, *design* e consolidação de marca própria, abre novos nichos de mercado, compensando as perdas de participação em mercados compradores de calçados de menor preço, ocupados pelos fabricantes chineses. Salienta-se aqui a importante atuação do setor de componentes, que tem se pautado pela inovação em processos, novos materiais e produtos trabalhando em parceria com a indústria calçadista.

Em relação às exportações por países de destino, o Brasil continua diminuindo suas exportações para os Estados Unidos, e, para contornar essa redução, a indústria calçadista brasileira continua buscando novos mercados para os seus produtos. Deve-se ressaltar, contudo, que essa diversificação ainda não afetou os principais destinos, que continuam sendo Estados Unidos, Reino Unido, Argentina e Itália.

Cabe registrar, também, o bom desempenho das exportações de máquinas e equipamentos para couros e calçados, que vem crescendo ano a ano, principalmente destinadas para países da América Latina.

A comparação das exportações de calçados em termos regionais reforça a existência das duas formas de organização da produção apresentada na primeira parte deste artigo. O balanço das vendas externas dessa mercadoria dos principais estados exportadores brasileiros nos nove meses do ano ante o mesmo período de 2009 aponta uma forte concentração em dois estados, Rio Grande do Sul e Ceará, que juntos respondem por 75% das exportações em valor e por 67% do volume embarcado (Tabela 3).

Os dados da Tabela 3 reafirmam a liderança do primeiro, em termos de valor, mesmo que com taxas de crescimento negativas entre os períodos considerados, e do segundo, no referente ao número de pares comercializados. A Paraíba também segue em ascensão. São Paulo, que tem larga tradição exportadora, está na ordem inversa: é o quinto maior em volume embarcado e terceiro maior em divisas.

Identificam-se, também, duas estruturas produtivas distintas, com base no preço médio de exportação. Rio Grande do Sul e São Paulo produzem calçados direcionados para um mercado de preço médio mais elevado; Ceará, Bahia e Paraíba produzem e exportam maior quantidade de pares, mas o preço médio é bem inferior ao dos outros dois estados. No Rio Grande do Sul e em São Paulo, existe uma especialização na produção e exportação de sapatos com cabedal de couro; no Ceará e na Paraíba, predominam os calçados sintéticos, com forte direcionamento para o mercado interno; na Bahia, a situação é mais indefinida em termos de especialização, pois ambos os segmentos são representativos.

A análise dos dados da Tabela 3 corrobora a ideia de que as dificuldades com o mercado externo se concentram no segmento produtor de calçados de couro. O Brasil havia se especializado na exportação de calçados de couro de baixo preço, precisamente a faixa de mercado que perdeu competitividade para o produto chinês. A saída encontrada, como já foi visto, foi a agregação de valor e o posicionamento de um produto diferenciado e de maior

qualidade em segmentos com faixas de preço mais elevadas.

A instalação de grandes fábricas produzindo calçados de cabedal sintético, com preço competitivo, direcionados para uma faixa de mercado de menor preço, vem garantindo um espaço cada vez maior para essa produção brasileira. Ceará e Paraíba são os principais representantes dessa estratégia.

O Gráfico 2 apresenta a evolução do preço médio das exportações de calçados do Ceará, do Rio Grande do Sul e do Brasil, e reflete bem as diferenças regionais. O preço médio das exportações brasileiras, como um todo, e das do Estado do Ceará variou pouco ao longo dos anos 2000, embora tenha iniciado uma trajetória levemente ascendente a partir de 2004. Por sua vez, é notório o aumento do preço médio das exportações gaúchas quando comparado com os demais, especialmente entre 2004 e 2008. Foi principalmente nesse período que se intensificaram os esforços de agregação de valor ao produto, com investimentos em diferenciação do produto, estilo e *design*, possibilitando a comercialização do calçado gaúcho em nichos de mercado de preços mais elevados.

Em suma, o que se observa é uma alteração na configuração produtiva da indústria calçadista brasileira, que se consolidou nos anos 2000. Tanto a fabricação de calçados de couro como a de sintéticos é expressiva no País, com preços médios distintos e atendendo a mercados diferentes.

Tabela 2

Exportações da cadeia coureiro-calçadista no Brasil — jan.-set./09 e jan.-set./10

SEGMENTOS	JAN-SET/09		JAN-SET/10		VARIÇÃO %	
	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1000)
Couros e peles .....	(1)17 190	791 076	(1)20 607	1 306 039	(1)19,9	65,1
Artefatos de couro e peleteria .....	13 386	94 535	8 299	88 942	-38,0	-5,9
Calçados .....	(2)93 801	1 016 552	(2)109 163	1 133 121	(2)16,4	11,5
Calçados de couro .....	(2)29 158	695 668	(2)27 669	729 395	(2)-5,1	4,8
Calçados sintéticos e têxtil .....	(2)64 643	320 884	(2)81 494	403 726	(2)26,1	25,8
Máquinas e equipamentos para couro e calçados .....	634	6 048	855	12 265	34,9	102,8
Componentes .....	...	695	...	804	...	15,7
Partes de calçados .....	5 398	81 614	7 499	113 688	38,9	39,3
<b>Total</b> .....	...	3 007 072	...	3 787 980	...	26,0

FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.

(1) Em número de couros. (2) Em pares de calçados.

Tabela 3

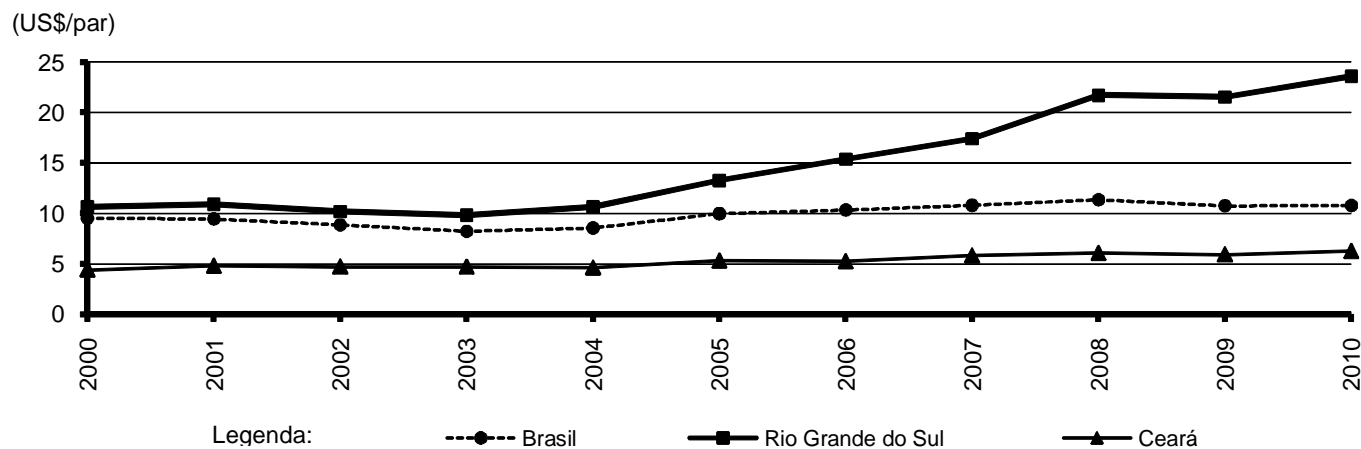
Exportações de calçados dos principais estados e do Brasil — jan.-set./09 e jan.-set./10

ESTADOS E BRASIL	JAN-SET/09		JAN-SET/10		VARIÇÃO %		PREÇO MÉDIO	
	Pares (1 000)	Valor (US\$ 1 000)	Pares (1 000)	Valor (US\$ 1 000)	Pares (1000)	Valor (US\$ 1000)	Jan.-Set./09	Jan.-Set./10
Rio Grande do Sul	26 883,8	581 775,7	23 580,9	559 547,5	-12,3	-3,8	21,6	23,7
Ceará .....	35 524,6	209 731,1	49 974,9	298 465,2	40,7	42,3	5,9	6,0
São Paulo .....	5 232,2	85 963,4	4 836,6	93 744,0	-7,6	9,1	16,4	19,4
Bahia .....	6 040,5	51 752,3	5 338,2	70 617,5	-11,6	36,5	8,6	13,2
Paraíba .....	16 180,5	51 057,9	18 764,4	56 458,4	16,0	10,6	3,2	3,0
<b>Subtotal .....</b>	<b>89 861,6</b>	<b>980 280,4</b>	<b>102 495,0</b>	<b>1 078 832,6</b>	<b>14,1</b>	<b>10,1</b>	<b>10,9</b>	<b>10,5</b>
Outros .....	3 938,9	36 271,3	6 667,7	54 288,5	69,3	49,7	9,2	8,1
<b>Brasil .....</b>	<b>93 800,5</b>	<b>1 016 551,7</b>	<b>109 162,7</b>	<b>1 133 121,1</b>	<b>16,4</b>	<b>11,5</b>	<b>10,8</b>	<b>10,4</b>

FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.

Gráfico 2

Preço médio de exportação de calçados no Brasil, no Ceará e no Rio Grande do Sul — 2000/10



FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.

NOTA: No ano de 2010, foi utilizada a média dos meses de janeiro a setembro.

## Considerações finais

A cadeia coureiro-calçadista brasileira ainda não se recuperou completamente dos efeitos da crise mundial que eclodiu no segundo semestre de 2008 e que causou um encolhimento expressivo da produção e da exportação dos bens produzidos pelos vários segmentos que compõem essa cadeia, acompanhado da perda de milhares de postos de trabalho. Os resultados já são positivos na maior parte dos casos, mas ainda situam-se aquém dos níveis atingidos no período pré-crise e se

manifestam de modo diverso entre os estados brasileiros, refletindo as diferentes características da produção coureiro-calçadista nos vários estados produtores.

Um aspecto que deve ser salientado é que a crise colaborou para a consolidação da estratégia de maior direcionamento da produção para o mercado interno, principalmente no que se refere à indústria calçadista no Rio Grande do Sul, que, durante muitos anos, direcionou parte expressiva de sua produção para o mercado externo. A lenta recuperação da economia mundial, a consolidação cada vez maior do mercado asiático e o



fortalecimento do mercado interno brasileiro são fatores que sustentam essa estratégia.

Nesse sentido, o fortalecimento da rede formada entre fabricantes de calçados, couros, componentes e máquinas, incluindo também os varejistas, desponta como um dos pilares sobre os quais se sustenta a competitividade da cadeia de produção, principalmente no que se refere à produção e difusão de inovação e negociação de preços e condições de suprimento ao longo da cadeia.

## Referências

A INDÚSTRIA de couro. Independência S.A. — relações com investidores, Cajamar/SP, 2008. Disponível em: <<http://ri.independencia.com.br/independencia/>>. Acesso em: 28 out. 2010.

ABICALÇADOS — ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS. **Resenha estatística, 2009**, São Paulo, 2009. p. 53. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/estatisticas.html>>. Acesso em: 25 out. 2010.

AICSUL — Associação das Indústrias de Curtume do Rio Grande do Sul. Indicação de Prodecência Vale do Sinos. Novo Hamburgo, 2010. Disponível em: <<http://www.aicsul.com.br/>>. Acesso em: 28 set. 2010.

ASSINTECAL — ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE COMPONENTES PARA COURO, CALÇADOS E ARTEFATOS. **Setor de componentes brasileiro**. Novo Hamburgo, 2009. 10p. Disponível em: <<http://ww3.assintecal.org.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

BALANÇO econômico 2010 & perspectivas 2011. Porto Alegre: FIERGS; Unidade de Estudos Econômicos, dez. 2010. 160p. Disponível em: <<http://www.fiergs.org.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2009.

CAMPOS, Sílvia Horst. A cadeia coureiro-calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul: desempenho e impactos da crise. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 23-34, 2009.

GUIDOLIN, Sílvia Maria; COSTA, Ana Cristina R. da; ROCHA, Érico Rial P. da. Indústria calçadista e estratégias de fortalecimento da competitividade. **BNDES Setorial**, n. 31, p. 147-184, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

LIMITE para importação de calçados divide o setor. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 25 out. 2010. Caderno JC Empresas, p. 3.

LORENZON, Emilena J. **O setor de componentes da cadeia coureiro-calçadista do Estado de São Paulo, São Paulo**, 2007 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em: 27 ago. 2007.

OFERTA maior de couro bovino no mercado interno. Couromoda, 2009. Disponível em: <<http://www.couromoda.com/>>. Acesso em: 25 out. 2010.

OPORTUNIDADE para Brasil avançar no mercado mundial de calçados. Couromoda, 2009. Disponível em: <<http://www.couromoda.com/>>. Acesso em: 25 out. 2010.

SETOR de componentes possui tecnologia e capacidade produtiva para atender ao setor coureiro calçadista. Novo Hamburgo, Assintecal, out. 2010. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

TAVARES, Fleury. Exportações de couros movimentaram US\$ 1,3 bilhão em 2010. Brasília, 24 out. 2010. Disponível em: <<http://www.cicb.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

